

CENTRO. Índios são pressionados por latifundiários a deixarem terras

Protesto apoia causa indígena

BLEINE OLIVEIRA
REPÓRTER

Um grupo de estudantes das Universidades Federal de Alagoas e de Ciências da Saúde fizeram, ontem pela manhã, uma manifestação de apoio ao povo indígena Guarani-kaiowá, de Mato Grosso do Sul (MS). Reunidos no calçadão da Rua do Comércio, em Maceió, tradicional ponto de atos públicos, os estudantes se solidarizaram com o problema vivenciado por 170 índios da comunidade Pyelito kue/Mbrakay.

Na luta por dois hectares de terra, na fazenda Cambará, no município de Tacuru, a 462 km de Campo Grande, os índios ameaçam realizar suicídio coletivo. Eles estão sendo pressionados por ruralistas a deixarem as terras, mas já há uma sentença judicial, proferida pela desembargadora Cecília Mello, da 3ª Região do Tribunal Regional Federal do MS, que garante sua permanência na fazenda Cambará até que a Fundação Nacional do Índio (Funai) elabore um projeto de demarcação.

O caso dos Kaiowás alcançou repercussão nacional e até em outros países. Em defesa do que consideram "território sagrado", eles lutam com ruralistas para continuar vivendo nas mesmas terras de seus



Universitários pintaram o rosto para chamar a atenção da população

antepassados. São vários os registros de violência contra os indígenas, que cobram a demarcação de terras estabelecida pela Constituição de 1988 e até hoje não cumprida pelos governos que se sucederam.

Numa nota intitulada "Somos todos Guarani-Kaiowa", o movimento es-

Impasse

Cerca de 170 índios da comunidade Pyelito kue/Mbrakay ameaçam suicídio coletivo, em Mato Grosso do Sul, caso sejam obrigados a deixar terras

tudantil alagoano cobra da presidente Dilma Rousseff e da Justiça Federal não só a terra reivindicada pelos índios da aldeia Pyelito kue/Mbrakay, como também a demarcação prevista na Constituição federal.

Para o estudante Elson de Lima, do curso de Letras da Ufal, o ato é importante para que a população tome conhecimento do drama que atinge os Kaiowás e se manifeste em defesa daquilo que eles reivindicam.

"Estamos participando de um movimento nacional, e nessa luta o apoio da população é fundamental para fazer repercutir, até que haja uma solução em favor dos índios", disse

o estudante.

Curiosos com a ação dos estudantes, que pintaram o rosto com traços indígenas, os transeuntes paravam para ler os cartazes presos ao chão. "Eu vi no Facebook, mas não entendi direito qual era o problema. Já chegou por aqui essa polêmica, foi?", indagava a comerciária Ivonete dos Santos, 35 anos, residente no bairro do Trapiche.

Depois de conversar com um dos manifestantes, ela foi informada sobre a ação e se mostrou favorável à causa dos Guarani-kaiowás, cuja denominação se popularizou em todo o País. "Nem sei dizer o nome deles. É caiuvá ou caiuvá que se diz?", reagiu a comerciária.

Dados da Wikipédia mostram que, no século 20, os Kaiuwás foram expulsos por latifundiários e empresas mineradoras. "Fora de suas terras, são forçados a buscar trabalho, por vezes junto aos mesmos latifundiários que roubaram suas terras, recebendo geralmente pagamentos reduzidos, com os quais buscam garantir sua existência", diz o texto virtual.

Na internet também circula o documentário "À sombra de um delírio verde", mostrando o problema fundiário e a realidade de miserabilidade dos povos indígenas no Brasil. ●